

Transformações espaço-temporais e educação na contemporaneidade

Alfredo Veiga-Neto

entrevistado por Karla Saraiva

165

Karla Saraiva: Professor Alfredo, podemos assumir, como pressuposto para a realização desta entrevista, que estamos passando por mudanças nos modos de significar e utilizar espaço e tempo. Tais transformações são saudadas por alguns como uma libertação das amarras modernas e lamentadas por outros como uma perda no processo civilizatório. Não creio ser necessário um alinhamento incondicional com esse binarismo. Assim sendo, parece-me que essas transformações deslocam os modos de sermos governados, tendo potencial para criar novos espaços de liberdade e, simultaneamente, bloquear outros tantos. Gostaria de saber como você compreende essa relação entre as transformações espaço-temporais, os deslocamentos das formas de governo e os espaços de liberdade.

Alfredo Veiga-Neto: Essa questão é da maior importância, seja em termos práticos da nossa vida cotidiana, seja em termos teóricos. De um lado, essas transformações – nas maneiras de percebermos e representarmos o espaço e o tempo e de fazermos uso de ambos – estão acontecendo muito ampla e rapidamente, acarretando muitos “desconfortos” e desajustes no dia a dia de todos nós. De outro lado, tais transformações nos fornecem um rico “material” para investigarmos os diferentes modos de subjetivação a que estamos sujeitos. Talvez ainda mais importante, essas transformações nos mostram as conexões imanentes entre as novas espacialidades e temporalidades sociais e a racionalidade neoliberal. O neoliberalismo e as correlatas demandas do capitalismo cognitivo não apenas dependem das

novas percepções e usos que temos e fazemos do espaço e do tempo, mas também, e ao mesmo tempo, tais percepções e usos são reforçados e aprofundados pela racionalidade neoliberal e pelo capitalismo. Ao se combinarem, essas conexões se reforçam, se alastram e, nos envolvendo cada vez mais intimamente, nos parecem naturais. É evidente a importância disso tudo para a psicologia, a educação, a sociologia, a política, a economia, a cronobiologia.

Temos um bom exemplo dessas questões na sensação de aceleração da vida. Parece que cada vez temos menos tempo para fazermos o que precisamos fazer, para vivermos como gostaríamos de viver. Como explicação para essa sensação de antecipação do futuro, alguns chegaram à hipótese de que ela ocorre porque a Terra estaria girando cada vez mais rapidamente em torno do seu próprio eixo e em torno do sol. Outros rejeitam essa explicação, alegando que as diferenças de velocidade são da ordem de milionésimos de segundo (ao longo de um ano), sendo, portanto, imperceptíveis. Trata-se de um debate risível, pelo simples fato de ambos os lados desconsiderarem que estamos todos num mesmo sistema de referência, impossibilitados de ver e sentir de fora as mínimas diferenças alegadas. Além disso, o debate também é risível porque se baseia num inatismo humano radical e grosseiro, esquecendo toda a construção cultural do tempo e do espaço sociais. É como se já nascêssemos com um relógio interno ajustadíssimo e independente das experiências culturais que nos cercam e nos (con)formam...

O mais importante é analisarmos as atuais transformações no espaço e no tempo em termos de suas proveniências e emergências, bem como de seus desdobramentos e efeitos na vida humana. Ao me referir à problematização, não quero cair no tradicional binarismo de *ou festejar ou exorcizar* aquelas mudanças espaço-temporais. É preciso ter claro que, como disse Michel Foucault,¹ “nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso” e, por isso, “temos sempre algo a fazer”. Assim, por um lado e usando a conhecida metáfora de Zygmunt Bauman, a liquefação da modernidade promove um crescente apagamento das fronteiras culturais – entre diferentes etnias e raças, gêneros, classes sociais, grupos etários etc. –, um fenômeno a ser saudado como um grande passo para maior equidade e justiça social. Por outro lado, esse mesmo apagamento está na base de um igualitarismo indiscriminado e perverso, alimentando o vale-tudo de um mundo sem autoria, sem história e no qual ninguém reconhece os custos envolvidos para que os outros chegassem aonde chegaram.

Temos aí um bom exemplo de, pelo menos, dois fenômenos interligados. O primeiro: as transformações atuais no entendimento acerca do (e no uso do) espaço – especialmente o apagamento de fronteiras – estão intimamente imbricadas com as transformações no entendimento e no uso do tempo. Afinal, eis aí a imanentização que a racionalidade neoliberal

¹ FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278. A parte citada encontra-se na p. 256.

operou entre o espaço e o tempo. O segundo: a atual sensação de aumento do espaço de liberdade que temos à nossa frente corresponde, em boa medida, à real diminuição da nossa própria liberdade de fazermos as melhores, mais conseqüentes e mais racionais escolhas. Sim, temos liberdade; porém, mais do que nunca, elas estão reguladas. Não esqueçamos: tudo é perigoso, pois o jogo nunca é de maximização total de um lado à custa da minimização total do outro.

Karla Saraiva: Conforme Foucault,² na contemporaneidade, somos governados por meio da liberdade. Em um aparente paradoxo, é necessário produzir liberdade para a condução das condutas dos indivíduos. Entre outras características, a liberdade vem sendo entendida como uma relação absolutamente individualizada com o espaço e com o tempo, em que cada um decide sobre como utilizar seu tempo e onde realizar suas tarefas com autonomia. Conforme nós mesmos já discutimos em outros lugares, essa individualização dos usos do espaço e do tempo vem invadindo tanto as discussões do campo educacional quanto as práticas cotidianas de múltiplos modos, como, por exemplo, na educação a distância e nas metodologias de organização do trabalho educacional baseadas no desenvolvimento de projetos e resolução de problemas. Frente a isso, que possibilidades você vê para que a educação possa deslocar-se desse papel consolidador de uma liberdade que está imbricada com o governo para uma instituição capaz de produzir linhas de fuga?

167

Alfredo Veiga-Neto: Primeiramente, vale a pena comentar por que o paradoxo é apenas aparente. Vejamos isso um pouco mais de perto. Ele é mesmo um paradoxo se não refinarmos nosso entendimento acerca da expressão “condução das condutas”; a um primeiro olhar, se conduzimos mesmo alguém, esse alguém não é livre, mas conduzido por nós. Então, parece haver duas alternativas excludentes: ou conduzimos alguém e, assim, roubamos sua liberdade; ou o deixamos livre, conduzido por si mesmo, dono de sua liberdade. É como se a liberdade fosse algo, alguma coisa *per se*; como se ela tivesse uma existência em si mesma.

Mas o paradoxo torna-se aparente se compreendermos que *conduzir* é uma palavra formada pela preposição *com* – em latim: *cum*, na acepção de “em companhia”, “junto a” – acoplada ao verbo latino *duco*, *ducere* – na acepção de guiar, levar (algo ou alguém, sem forçar, mas com a aquiescência desse alguém). Sendo assim, para uma pessoa realmente conduzir a conduta de outra pessoa é necessário que, mesmo sendo livre, esse outro se deixe ser conduzido e até queira ser conduzido, levado. Não há condução unilateral. A condução exige que condutor e conduzido se aliem nessa ação. Desse modo, com um rápido exercício etimológico, se desfaz o paradoxo. Portanto, conduzem-se homens livres; ou, em outras palavras, condução implica liberdade.

² FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Neste ponto, trago de novo a racionalidade neoliberal, partindo dos *insights* que Michel Foucault desenvolveu principalmente no curso *Nascimento da biopolítica*, ministrado no Collège de France, no inverno de 1978-1979. Foi ali que o filósofo discorreu detalhadamente sobre o neoliberalismo não como uma ideologia, mas, muito mais do que isso, como uma maneira de pensar e de estar no mundo, como uma forma de vida, como um *éthos*. Ele mostrou que, entre as muitas características do neoliberalismo, a “livre concorrência” ocupa lugar de destaque; trata-se de uma expressão que, por si só, aponta para a liberdade e para a competição. Ser livre para competir é fundamental para o *éthos* neoliberal. Assim, estamos diante de uma racionalidade na qual a liberdade tem de ser continuamente produzida, fruída e consumida; e na qual a competição tem de estar na base de toda ação humana.

É fácil ver que estão dadas as bases para uma forma de vida que gira em torno do indivíduo e de sua individualidade, o que estimula, nele, o individualismo. Em vez de cada um ocupar um espaço e viver num tempo que Deus lhe havia colocado à disposição – como se pensava na Idade Média –, ou de cada um ocupar um espaço e um tempo previamente moldados pela coletividade em que vivia – como se pensava na Idade Moderna –, cada um agora está sendo levado, instado, estimulado a criar suas próprias espacialidade e temporalidade. Agora, não se trata tanto de *entrar* numa coletividade espaço-temporal que já estava aí à nossa espera, mas, sim, de *criar* e permanentemente *recriar* realidades espaço-temporais pulverizadas, individuais, anômicas e anônimas.

Se o Iluminismo nos ensinou que a autonomia tem de ser alcançada por uma série de operações e procedimentos individuais, rumo a um estágio mais avançado de racionalidade, justiça e liberdade que se convencionou chamar de maioria humana, a contemporaneidade está nos ensinando a máxima do “cada um por si”. Se a promessa era a consecução de um “humanismo realmente humano”, agora são outras as promessas: hedonismo, liberdade, desempenho, aumento do capital humano, autopoiese e presentismo. Cada uma delas é o ponto de partida para longas discussões; não há como desenvolvê-las aqui. Só quero lembrar que, na medida em que tudo tem seu preço, cada uma dessas promessas carrega custos às vezes imensos. Esse é o caso, entre outros, da solidão endêmica, da precariedade do trabalho, do endividamento, da insegurança, da insegurança social e dos descartes (materiais, afetivos etc.).

Karla Saraiva: Finalizo esta entrevista com uma questão colocada por você mesmo como título de uma fala, posteriormente publicada como capítulo de um livro,³ há quase duas décadas: “as crianças ainda devem ir à escola”?

³ VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9-20.

Alfredo Veiga-Neto: Há mais de três décadas eu venho me interessando pelas discussões sobre o espaço e o tempo numa perspectiva humana e social. Nesses processos de percebermos, representarmos e usarmos o espaço e o tempo, tomei sempre por foco o papel da educação. Afinal, percepção, representação e usos sociais não são atributos inatos, mas culturais; por isso mesmo, têm de ser ensinados e aprendidos. Entendendo a educação como o acolhimento e a condução dos recém-chegados a uma dada cultura e suas práticas, então fica clara a necessidade de educar os que ainda estão de fora, “imprimindo” neles aqueles atributos essenciais à vida coletiva: onde e quando fazer isso ou aquilo, ou seja, como usar os espaços e os tempos em consonância com os demais. É justamente nesse ponto que entram em cena o papel da escola moderna e, sobretudo, as contribuições de Foucault acerca das instituições que se ocuparam, na Modernidade, de colocar uma determinada ordem espaço-temporal na natural – e, quase sempre, perigosa – dispersão social: escola, prisão, convento, hospital, quartel, fábrica. Todas elas, em maior ou menor grau, operam e ensinam determinados códigos espaciais e temporais, de modo a restringir uma multiplicidade humana que, deixada a si mesma, tende a ser caótica, entrópica, degenerativa. Em outras palavras, podemos dizer que as noções de civilidade, civilização e civilizado estão intimamente conectadas a tudo isso.

Foi a partir dessas questões que, desde os últimos vinte e poucos anos, acentuei meu interesse pelos estudos foucaultianos. Foi nesse campo que encontrei as ferramentas mais afiadas e produtivas para problematizar o papel da educação escolar – com suas práticas (discursivas e não discursivas), seus artefatos (com destaque para o currículo), sua organização (em termos de gestão e de rotinas) e suas representações (no âmbito que extravasa a própria escola) – na constituição das espacialidades e temporalidades modernas e, mais recentemente, contemporâneas.

Os detalhados estudos empreendidos por Foucault sobre a norma, a biopolítica, a governamentalidade, o liberalismo e o neoliberalismo e, principalmente, sobre as disciplinas serviram de base e estímulo para que eu pudesse examinar detalhadamente o papel da educação escolar na conformação dos espaços e tempos na Modernidade. Como Kant⁴ nos mostrou no final do século 18, a principal função da escola é ensinar a disciplina a todos; isso significa, para ele, ensinar o uso correto do espaço e do tempo em consonância com os demais. O “correto” aqui fica por conta de cada um respeitar os espaços e tempos dos demais. Cada um é livre, em termos espaço-temporais, desde que respeite as liberdades alheias.

Como nos mostrou Keith Hoskin,⁵ a escola moderna funcionou como uma dobradiça, articulando o poder com o saber e, com isso, participando decisivamente na criação do sujeito moderno. Para as pedagogias modernas,

⁴ KANT, I. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: Unimep, 1996.

⁵ HOSKIN, K. Foucault under examination: the crypto-educationalist unmasked. In: BALL, S. J. (Ed.). *Foucault and Education: disciplines and knowledge*. London: Routledge, 1990. p. 29-53.

o espaço e o tempo são constitutivos dessa dobradiça, de modo que são, também, constitutivos da fabricação das subjetividades modernas. Graças, principalmente, ao papel desempenhado pela escola, tais subjetividades se ancoraram – e ainda se ancoram bastante – nas espacialidades e temporalidades coletivas cujos resultados, bem ou mal, manifestaram-se no avanço do processo civilizatório no Ocidente e no desenvolvimento de determinadas sensibilidades éticas e estéticas que nos distanciaram da barbárie.

Seja como for, desprezar – ou lutar contra – as práticas e os artefatos da escola moderna, bem como seus princípios organizativos e as representações que se fazem dela, será um tiro no próprio pé. Aqui, a negação abstrata será sempre uma operação irracional; praticá-la será, na melhor das hipóteses, uma estupidez. Assim, vale a pena nos empenharmos para separar a água suja que ainda existe na escolarização, jogá-la fora e, em seguida, e ir atrás de água limpa. Mas negá-la abstratamente significa jogar também a criança fora... As crianças, portanto, ainda devem ir à escola!

Pois bem, se, como argumentou Foucault, o sujeito – do modo como foi pensado pela Modernidade e moldado pela escola – está morrendo, é preciso examinar o que está sendo colocado em seu lugar. Se a contemporaneidade está mesmo deixando para trás as práticas, os valores e os imperativos modernos, temos urgentemente de voltar nossa atenção para o que há de novo hoje e o que teremos num futuro próximo. Não se trata de profetizar, mas de buscar compreender o que estamos fazendo com os outros, com nós mesmos e deixando que os outros façam conosco. Reitero: enquanto isso, as crianças ainda devem ir à escola!

Alfredo Veiga-Neto, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professor titular da Faculdade de Educação e professor convidado permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação dessa universidade. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Currículo e Contemporaneidade (GPCC/UFRGS) e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI/Unisinos/CNPq).

alfredoveiganeto@gmail.com

Karla Saraiva, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora e pesquisadora na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação.

karlasaraiva@via-rs.net

Recebido em 23 de setembro de 2017

Aprovado em 11 de outubro de 2018